

Tarcisio Almeida *

Políticas do toque



Tarcisio Almeida é pesquisador e professor, doutorando pelo Núcleo de Estudos da Cultura Contemporânea (ECCO – Universidade Federal do Mato Grosso) e mestre em Psicologia Clínica pelo Núcleo de estudos da Subjetividade (PUC - SP). Desenvolve projetos ligados as práticas artísticas contemporâneas, diálogos curatoriais e processos de aprendizagem coletiva. Atualmente, dedica sua pesquisa aos experimentos artísticos baseados em modos de criação comprometidos com liberação, liberdades e justiça cognitivas, a partir do campo das artes visuais. Entre 2019 e 2020, foi professor temporário no Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
<Tarcisio.almeida@yahoo.com.br>
ORCID: 0000-0002-8900-597X

Resumo Buscando perseguir e conjugar performativamente as políticas instauradas pelo toque, em suas dimensões clínicas, filosóficas e artísticas, proponho aqui uma reunião de textos elaborados em distintos momentos, com o intuito de prolongar as práticas de trabalho desenvolvidas pelo programa de formação para jovens artistas - Práticas Desobedientes - em curso desde 2019.

Palavras chave Liberdade cognitiva, processos de criação, artes visuais, filosofia da arte.

Politics of touch

Abstract *Using a performative strategy to conjugate the politics established by touch, in its clinical, philosophical and artistic dimensions, I propose here a meeting between texts, elaborated at different times, to prolong the work practices developed by the educational program for young artists Disobedient Practices in course since 2019.*

Keywords *Cognitive liberation, Creative processes, Visual arts, Art philosophy.*

Políticas del tacto

Resumen *Buscando perseguir performativamente y conjugar las políticas establecidas por el tacto, en sus dimensiones clínica, filosófica y artística, propongo aquí un encuentro de textos, elaborados en distintas épocas, con la finalidad de prolongar las prácticas de trabajo desarrolladas por el programa de formación para jóvenes artistas Prácticas Desobedientes en curso desde 2019.*

Palabras clave *Libertad cognitiva, Procesos creativos, Artes visuales, Filosofía del arte.*

Introdução

Entre as muitas formas de dizer sobre o desejo de liberdade aqui investido, os textos a seguir trazem à superfície um lugar, um modus e um processo pelo qual as vidas aqui investidas se relacionam e se tocam. Produzidos em diferentes instantes dos últimos seis meses, escolho aproximar essas passagens (assumindo o risco das lacunas e vazios abafados pela linearidade que também nos atravessa) com o intuito de conjugar performativamente uma política instaurada pelo toque, desde seus corpos tocantes. Uma textualidade que nos permite avistar, ao mesmo tempo, o improvável, nossas vidas impossíveis e o desejo delas mesmas em perseverarem. Vale ressaltar, que esse exercício encarnado pela escrita é fruto dos encontros realizados pelo programa de formação para jovens artistas Práticas Desobedientes¹, espaço de pesquisa em curso desde 2019 e desenvolvido a partir das atividades de extensão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Nesse sentido, a voz coletiva que atravessa o texto situa, por diferentes maneiras, tanto as durações como os territórios traçados pelo grupo, em especial os diálogos estabelecidos com o artista George Teles, que nos empresta parte de sua pesquisa intitulada *Afetos da Travessia*.

Toques ingovernáveis

No (re)começo... entre terra e céu, um casulo suspenso que um corpo, ainda confuso, rasga para desenrolar sua linha de vida: uma Criança (re)nasce das feridas e das cinzas de um mundo devastado. A sombra da Criança está viva: tão grande quanto pequena ela é, tão colossal quando franzina. A Sombra e a Criança: dois corpos que se constroem em fricções, contrapontos e acordes sutis. A Sombra e a Criança: dois polos magnéticos que, através de um jogo de cordas, (re)lançam um campo de forças criador. Nesse corpo a corpo com a Sombra, a Criança percebe os mortos, dialoga com eles, extrai sabedoria e potência de todas essas vidas que a antecederam, e que se inscrevem - linhas espectrais - em sua própria carne. Fios invisíveis de uma história rasurada que ela retoma: a das condenadas e condenados cujos sonhos abortados precisa realizar sob formas inauditas. Sobreviver num universo em ruínas é se deixar atravessar, deixar-se habitar pelo acréscimo de vida prodigado pelos ancestrais, pelos animados (animais, plantas e povos do infinito pequeno) e pelos elementos: abraçar a própria morte, a potência da sombra e do humos, para renascer.²

Estou bastante confiante de que, mesmo quando os atlânticos fervem e a terra treme violentamente mais uma vez contra nós, e as nuvens de cinzas pantaneiras voltam a escorrer uma chuva lodenta fruto da hecatombe iminente, e nossos punhos em riste protestam ao lado de placas seculares, há um caminho a seguir: um lugar que não sabemos as coordena-

das porque ele prescinde (de) uma pergunta que talvez ainda não saibamos fazer. Em 2019 eu costumada dizer para Allan³ que nós éramos a ponta da lança. Ele, com a prudência de quem vive nas margens do mar, me sobrepu-nha dizendo que a questão maior não era sermos apenas a ponta, mas re-posicionarmos a direção da própria lança. A ponta da lança não mais como instrumento para perfurar o alvo, mas como flecha que sopra no flamejante do vento e refaz o mundo na brevidade do seu voo.

Já agora, o mundo acabou novamente: uma explosão transcontinen-tal e epidêmica brilhou e ofuscou nossos mil sóis. E esse tipo de explosão que costuma amassar o tecido do espaço-tempo, para nós, sobreviventes das bombas, parece-nos lembrar uma conhecida sensação clandestina e mons-truosa da qual somos forjadas. A explosão pandêmica⁴ que quebrou o tempo e criou novos corpos luminescentes reinstalou também sobre nós o pórtico de nossas questões contrabandeadas. Incapazes de seguir em frente, porque o caminho que ainda não conhecemos não opera pelas direções cardeais, refor-çamos o vácuo produzido pela lança. Um som: há coisas que devemos fazer. Provérbios que devemos dizer, pensamentos que devemos pensar e que não se parecem em nada com as imagens de sucesso e justiça reconhecidas nas peças do mobiliário moderno disponível na vitrine. Corpos irônicos, flexio-nados pela bomba cavam mais fundo seus dutos subterrâneos. Na superfície, pequenas brechas por onde o ar passa são também o espaço em que se arre-messam as lanças que, às vezes, arranham e em outras fissuram os diques do controle. No violento desdobramento das nuvens do agora muitas se torna-ram recém-chegadas aos percursos subterrâneos. Obrigadas a ver, a sentir o cheiro do mundo onde o limite do céu é uma camada espessa de terra se perguntam: para onde vão as fugitivas quando são perseguidas e acusadas pela superfície? O eco da lança responde: Eles passam pelas fendas de suas paisagens fragmentadas. Elas costuram seus corpos escandalosos com a escu-ridão das fissuras. Elas assumem novas formas. Prontas para compostagem. Prontas para o impossível.

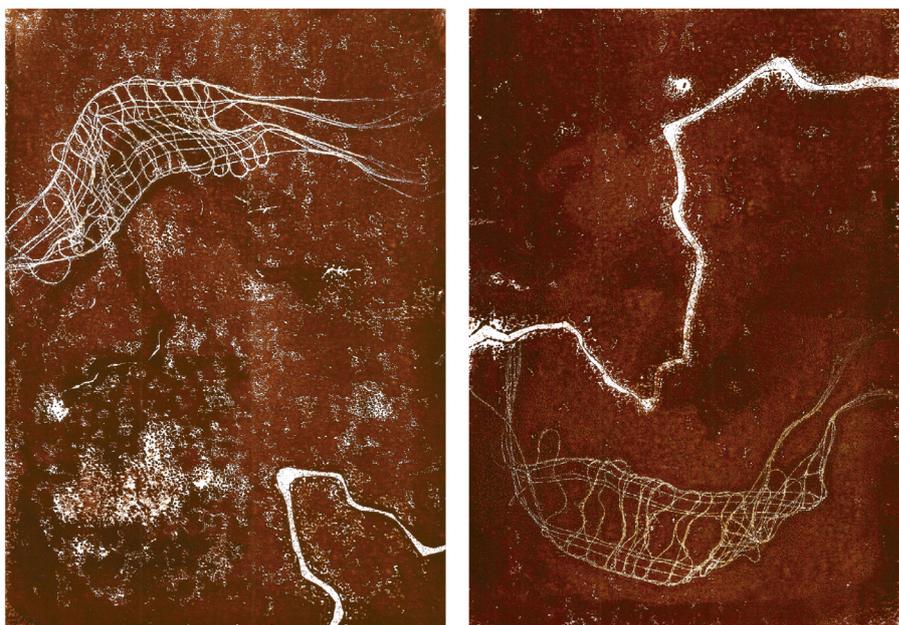


Fig 1. George Teles, Primeira e se-gunda braçada 1 e 2, impressão s/papel (monotipia), 2020

Fonte: Cortesia do artista, 2021

Em março de 2020, enquanto escrevíamos uma primeira proposta para dizer sobre o nosso trabalho foi o mesmo momento em que nos encontramos fisicamente pela última vez. Desde então, passamos a nos tocar por meio de pixels, códigos e escrituras criptografadas. As perdas que hoje já superam os milhares, nos dispersaram em sete cidades e a todo instante não paramos de sentir o rumor da terra reagindo ao cosmocídio. *O barco está fazendo água*, como apela Sony Labou Tansi em sua *Carta fechada às gentes do Norte e Companhia*. “Chegamos a esse momento crucial em que é preciso aprender a reinventar tudo: os conceitos, as abordagens, os hábitos, os métodos, as ferramentas, as nações, os espaços...”⁵. E entre a náusea e a saudade, o toque em sua dimensão radical, parece nos convidar a um trabalho de análise e imaginação contra os narcóticos negacionistas já em chamadas. O fim do acordo dissimulado pelo desenvolvimento moralmente insustentável do progresso bate à porta como nos lembra o poeta *kongo*. E o toque que se faz presente, do lado de cá, desde nós qualificadas como selvagens, se torna o revés da sorte em sua máxima recusa. Ao clamar pelo toque, não pretendo inventar nenhum conceito. Mas, por em relação certos sentidos que parecem recuperar em nosso corpo uma sabedoria mineral sempre presente. O toque como sonho, eis porque Touam Bona declara que “é primeiro pelo sonho que percebemos que podemos viver em relação com outras inteligências terrestres”⁶. O sonho não como deslocamento do real, mas como parte de sua constituição, como tática de (des)captura, como potência corrosiva que instala, mesmo que furtivas, parcelas afiadas de liberdade.

O toque, fruto da incorporação de um ponto de vista do mundo, é o mesmo que carrega o caráter ingovernável e clandestino da própria criação. É através do toque e na busca por uma certa filosofia do toque, parafraseando Harney e Moten, que nos tocamos. Extensões e abstrações táteis se aproximam aqui de uma textualidade pelo toque por dentro e por fora do encontro. A *hapticalidade*⁷ é o que rege o espaço-tempo de forma a manifestar traços que fluem de cada uma dessas experiências, cada uma desafiando a contenção por meio de uma composição de impactos e multiplicidades, materiais, afetos e intensidades. Para coabitarmos o solo subcomum (*undercommons*) do toque, não mais como espaço abandonado, será preciso considerarmos que aquilo que está quebrado permanecerá quebrado e que não poderá ser reparado. “É preciso cancelar o débito e o sistema de crédito. E é preciso amor. Contra a ‘logisticality’ que gerencia as subjetividades e o conhecimento, tramamos nossas pequenas e dispersivas revoluções cotidianas. Nós, os embarcados”⁸. Estendidos, assim, em direção ao outro por meio do cultivo que se faz barricada frente ao tempo-espaço da vigilância, o toque, legado da brutalidade transhistórica, é agora a recusa da normativa. E é sob ele, desde ele, que passam a coexistir movimentos de dissonância, ruído, trepidação, desorientação, fugitividade, desposseção...

Os autores também nos falam da hapticalidade como uma capacidade de sentir com/pelo outro, por meio da pele. Nos dizem de uma solidariedade comum: *uma sensação de sentir os outros sentindo você*. Um sentimento que não pode ser sentido individualmente, mas nem coletivamente como algo homogêneo. Uma sensação que não pode ser fixada em um território, estado, nação, história ou instituição.

É uma sensação, se cavalgarmos com ela, que produz uma certa distância do fixo e estabelecido, daqueles que se determinam no espaço e no tempo, que se localizam numa determinada história. Ter sido expedido é ter sido movido por outros, com outros. É sentir-se em casa com os desabrigados, à vontade com os fugitivos, em paz com os perseguidos, em repouso com os que insistem em não o ser (...). Anteriormente, esse tipo de sensação era apenas uma exceção, uma aberração, um xamã, uma bruxa, uma vidente, um poeta entre outros, que sentiam através dos outros, através de outras coisas. Essa é a sensação insurgente da modernidade, a sua carícia herdada, o seu falar de pele, o toque da língua, o discurso da respiração, o riso das mãos (...). Esta é a sensação que poderemos chamar de hapticalidade.⁹

Esses traços tocantes, aqui tamborilando em uma textura alternativa, e que não podem ser facilmente regulamentados são produzidos desde uma *distribuição do sensível*, bem como do dissenso necessário que é a “demonstração de uma lacuna no próprio sensível”¹⁰. Uma insurgência tátil que sugere diferentes tempos, espaços, vozes, políticas e estéticas me tocando, tocando você. “Forçados a tocar e a ser tocados, a sentir e a ser sentidos nesse lugar de ausência de espaço, embora negados aos afetos, à história e ao lar, sentimo-nos (por) uns nos outros”¹¹.

Ser tocado e tocar essas práticas, temporalidades, resistências é tocar na linguagem, tocar a oscilação e a alternância eternas: a auscultação, fusão e dissolução do sujeito e do objeto. Como então sustentar uma política do toque e do amor apesar da despossessão total que nos atravessa? O toque é o arquivo imaterial que percorre o fora do tempo nos guiando na (des) captura. Não temer ao desconhecido do toque é o que o tremor da terra nos sussurra. Eles são a testemunha do nascimento de outras abstrações, talvez, mais possíveis para o próprio mundo. Porque “já estamos aqui, nos movendo. Nós estivemos por aí. Somos mais do que política, mais do que estabelecidos, mais do que democráticos”¹². O toque é como a criança diante da sua Sombra, ela se deixa atravessar pelos fios rasurados num universo em ruínas e tem na própria carne a inscrição dos seus ancestrais, “a criança é como o junco, só pode cantar e amar pelo entalhe que a abre para o sopro do infinito”.¹³

Toques, volumes e fricções

O que Max Ernst (1891 – 1976), pintor e artista gráfico alemão, não sabia em 1925, quando desenvolveu uma imprevisível técnica de contato e impressão entre superfícies, intitulada *frottage* (em português friccionar), era que acabara de criar mais uma possibilidade expressiva de troca entre peles como forma sensível de produção. Um entrelaçamento tópico capaz de transmutar um volume em outro, fez aparecer, não apenas na arte, uma forma de estimular a impressão entre suportes de maneira escultural. O que antecede, no entanto, a ação do artista e remonta à própria experiência do vivo, é que toda pele é uma superfície de contato escultórico e volumétrico. Contudo, o que ainda aparece no nível de uma questão é: como uma pele pode se tornar propícia para ofertar-se a um certo sacrifício de si e transpor-se em um novo meio, em um novo volume, cuja relação, longe de ser uma reprodução perfeita de si, se dá pelas imperfeições, sinuosidades e ruídos que ela possui? Qual a política envolvida nessa relação entre peles onde se pode perpetuar um tipo de experiência invisível (e muitas vezes indizível) das partes que a compuseram?



Fig 2. George Teles, Colisão 2 e 3, impressão s/ papel (monotipia), 2021

Fonte: Cortesia do artista, 2021

Na arqueologia, a técnica de impressão por contato é também utilizada para aqueles suportes que não são possíveis de serem transpostos pelos meios tradicionais de reprodutibilidade, como, por exemplo, a fotografia. Trata-se de um lugar de troca que abre possibilidades de relação com o que é tópico, rugoso e textural. Ainda que estimulados pela vertigem automática de copiar um piso de madeira gasto ou mesmo o pão em migalhas derrubadas pelo cotidiano, é num exercício constante de encontro

entre peles que testemunhamos a criação e diferenciação de nossos corpos. A pele, ao se transmutar (efeito de desterritorialização) faz emergir desse contágio a invenção de um novo território. O que está no horizonte desse jogo *háptico* é: 1. A constituição de espaços onde a transmutação encontre suas melhores condições para acontecer sem que haja a violação absoluta das peles em relação; 2. A implicação do corpo com o toque, a vibração e o contato propostos por esse processo. 3. A percepção e/ou evocação de uma sensibilidade onde o devir do encontro é, fundamentalmente, uma outra proposta de mundo. O efeito dessa relação *háptica*, é o rastro da sua própria política (e não menos de uma ética e/ou estética) burilada nesse processo.

Articular “formas de gestos, tempos breves ou longos”¹⁴, um movimento que é permitido graças ao contato entre volume e outro, uma *conversão tópica* entre territórios que abre espaço àqueles que ainda não foram criados. Em outros termos, esses acordos entre peles se dariam na pregnância de uma morfologia e não sob um jogo de metáforas. Uma questão da escultura? “O devir-tempo do lugar, o devir-lugar do tempo. Questão, consequentemente, de sedimentos, de interstícios, de contato. Seria a escultura o lugar onde tocamos o tempo?”¹⁵ Se pensarmos que é no devir-tempo do lugar e na construção de superfícies de contato que a experiência acontece, seria também o háptico o lugar onde tocamos o próprio corpo que está por nascer? Esse nascimento, por sua vez, em nada se relaciona com uma imagem estabelecida de “origem” ou “fonte perdida de um todo”, mas como liame entre distintas temporalidades em um mesmo lugar, um encontro-impulso capaz de ativar uma *construção territorial*. Através da fricção de si com as formas presentes no mundo é que obtemos uma leitura das coisas, “leitura compreensiva e cega ao mesmo tempo, leitura tátil, produtora de um conhecimento tátil”¹⁶, apaixonada e, por excelência, distante de nós mesmos. Tocar o pensamento, tocar a linguagem e fazer dela uma produção advinda do contágio entre superfícies sensíveis. Ironicamente, esculpir o vivo. Tocar uma escrita de si.

Rotas para encontros que querem acontecer¹⁷

Tarcísio Almeida: Defender o direito ao deslocamento é defender o direito ao encontro, um direito à fragilidade e ao padecimento dos afetos. Seria possível dizermos que a defesa ao encontro é também uma defesa da memória? Enquanto te escrevo, me lembrei de algumas fotografias da sua família e do fato delas serem sobreviventes a uma enchente durante a sua infância. Podemos cruzar essas experiências todas?

George Teles: Retomar essas fotografias ainda é uma experiência difícil. Embora elas me despertem muitas vontades, ainda é algo que preciso permanecer para entender melhor. A relação com a memória é crescente no trabalho, especialmente por conta do contexto em que essa pesquisa surge. O deslocamento que faço para Cachoeira e São Félix no início da minha formação é significativo. Ele ativa memórias até então adormecidas.

Tenho relação de infância com essas duas cidades, a passagem por elas era constante, e o retorno para esse território faz acordar sensações que eu não sabia que tinha esquecido. Esse reconectar só é possível no território fruto desse deslocamento. É difícil lembrar do que foi dissolvido. Acredito que podemos pensar numa ideia de defesa da memória, sim. Os registros perdidos na água podem parecer só um infortúnio, mas são também o contexto em que vivemos ao presenciarmos por todos os lados o apagamento e a negação de nossa memória. Todas as situações são desenhadas para que nossa memória se dissolva. Desse ponto, podemos entender a proposição de encontros como a possibilidade de sentir as memórias que não conseguimos acessar a partir de documentos formais. Permitir sentir essas ausências é entender que o corpo carrega experiências que só são possíveis de acessar a partir do encontro.

TA: Eu gostaria que você falasse mais sobre as técnicas em gravura como o próprio encontro. Como isso se dá?

GT: Os procedimentos técnicos funcionam como condutores no trabalho. E isso acontece porque me permito ser guiado pelo sentir deles no corpo. Hoje tem sido a impressão que me preenche e por isso a utilizo, mas poderia ser outra técnica, como já foi. E me chega assim porque a coreografia e os gestos desses procedimentos são muito potentes. Desde a limpeza até a secagem. Preparar os corpos rígidos, cavar com a goiva os ocos nas superfícies, esticar o grude da tinta sobre as placas de vidro, dispor os tecidos matrizes, gravar marcas em um corpo que será impresso em outro. Tudo sugere ao corpo uma forma de ritualização dos encontros. Montar o jogo entre as densidades dos corpos a serem impressos, equilibrar a dureza do fio de algodão e a leveza dos sulcos das chapas de ferro. Arranjar o espaço de acordo com a necessidade do encontro. A intensidade dos corpos é um dos acessos para os territórios que se criam, a impressão utilizando uma colher de pau é a própria colisão. Alisar repetidas vezes as costas do corpo-papel que se esparrama sobre o corpo-matriz é o mesmo que ler com as mãos o relevo dos encontros. Sentir a colher ecoar a aspereza que a superfície toma a partir do contato me permite entender a importância das densidades em contato. Saber quando se faz necessário ser a finura do corpo mole ou a rigidez das placas de metal, entender que até o papel mais fino consegue se moldar aos desníveis sem ceder, e que os corpos mais rígidos e cortantes também se derretem, se deterioram, viram pó (basta colocá-los em colisão com o corpo) e experimentar esses territórios dos encontros. Qual a diferença entre meu corpo e os que se criam na gravura? Nossas dinâmicas não são, também, movidas pelas impressões?

TA: Durante o seminário que organizamos em 2020 pelo Práticas Desobedientes chamado *Bonita é a noite com sua fundura* você levanta questões próximas a estas. Fala sobre o exercício de imaginar a formação de um corpo líquido-viscoso. “E ao mesmo tempo, pesado o suficiente para aguar 10 vidas inteiras. As nossas”. Em momentos como este podemos encontrar uma relação entre a construção do corpo ao mesmo instante em que o espaço se constitui, ou melhor, ao mesmo momento em que o espaço passa a

ser redesenhado para que o corpo possa ser suportado. Algo sobre a possibilidade de construção de territorialidades diante da edificação de nossas vidas, muitas vezes, experimentadas como vidas impossíveis...

GT: Sim, acredito que essa relação fica evidente quando me percebo no trânsito, na constante construção de estratégias para sustentar minha existência a partir do movimento. Talvez as caminhadas sejam os limites entre o corpo e o território. Todo o exercício de construção desses corpos surge da necessidade do que a vida sugere em consonância com o que ela oferece. O exercício de lidar com as materialidades disponíveis para moldar, simultaneamente, corpo e território, me permite a suspensão desse próprio corpo que se recusa a lidar com os desconfortos das construções disponíveis. Inclusive, pensar em fronteiras definidas entre corpo e território ou pensar em separações entre as materialidades não faz muito sentido. A partir dessa sensibilidade, tudo se borra e tudo passa a ser feito desse grande emaranhado. Pensar que o território disponível para esse trânsito é historicamente estruturado para a manutenção dos estados de precariedade de nossas vidas me faz perceber a emergência de sua remodelação. Imagino que meu trabalho surge desse lugar. Redesenhar as territorialidades que sustentam o nosso desejo pelos encontros.

TA: Nos últimos meses passamos a discutir de forma mais aprofundada a importância da abstração como dispositivo estético-político, observando-a como uma ferramenta que, de diferentes maneiras, tem nos permitido acessar experiências para o que tenho chamado de liberdade cognitiva. De forma geral, abstrair é tornar complexa e densa nossa relação com outros sentidos de mundo. Abstrair não é só adotar uma posição estética, mas advogar através da expressão a favor de formas inauditas, pensando junto a elas maneiras mais possíveis. A abstração passa a ser um plano fugitivo. E a fugitividade aqui não é necessariamente o efeito passivo de uma ação sofrida, mas antes de tudo, uma recusa, uma partida, uma estratégia, um modo, que permite que nos desloquemos na direção de outros territórios existenciais. A abstração é uma proposta de reestruturação das geografias, das paisagens, dos lugares e da própria saúde. No seu caso, como você tem se interessado por essas questões? Quando elas passam a ser uma das linhas mestras dentro da sua pesquisa?

GT: Acho que podemos falar da abstração como uma estratégia contra a captura feita por regimes de formas que não foram feitas em diálogo conosco. Tenho me perguntado até que ponto suportamos permanecer na fuga. Como você mesmo diz, tomar a fugitividade não como um processo passivo e sim como a criação de rotas e ações para permanecermos vivas é essencial. Desde que percebi meu interesse por essas outras formas tomo posse da abstração para criar corpos, territórios e estados que me permitam permanecer num lugar de conforto e acolhimento que muitas vezes só é possível a partir do trabalho e dos encontros que proponho. Pensar as *Coreografias* como uma preparação para repouso ou as próprias *Suspensões* é dizer da vontade e da urgência por criar prazer para o corpo cansado fruto de um mundo que não foi desenhado por ele. Talvez, a fuga seja também a

perseguição por um lugar de repouso (...). De todo modo, gosto de pensar que no encontro do trabalho proponho a estruturação de um território que busca tornar possível experienciar a felicidade por ela mesma, porque nós, subjetividades sistematicamente subalternizadas, desejamos viver em um lugar que não é só o da constante criação de estratégias para permanência. Nesse sentido, seria inevitável não chegar à abstração. Se quero tocar em corpos e territórios que se dão a partir da experiência de encontro, que se moldam na materialidade do invisível, e que são mediados por sensações desconhecidas pelo meu corpo, é impossível recorrer a modulações já programadas. A partir disso é que recorro à agência da matéria para me ajudar a entender, mesmo que de maneira efêmera, como se dão as formas desses encontros.

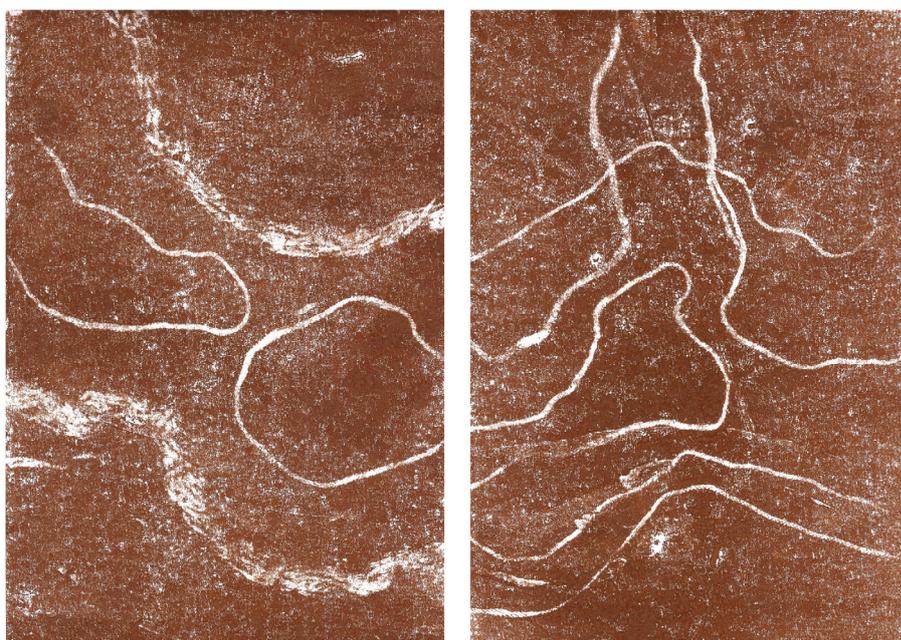


Fig 3. George Teles, Rotas para encontros que querem acontecer 2 e 3, impressão s/ papel

Fonte: Cortesia do artista, 2021

TA: Me parece que dentro desse diálogo tudo passa a ser uma questão de construirmos saídas (possibilidades de suporte para nossos territórios existenciais) e saúdes (meios pelos quais nossas existências se realizam em suas melhores potências). Essa saúde é fruto de uma decisão radical sobre si e sobre o mundo. Essa saúde nos permite, sobretudo, o acesso ao campo de novas línguas e linguagens. Como você comentaria mais sobre isso a partir da sua experiência?

GT: Acho importante retomar a nossa experiência dentro do Práticas Desobedientes, levando em consideração que nossos encontros são um desses espaços onde criamos juntos e nos permitimos estar e sentir a partir dessa perspectiva. Lembro muito da sua proposta em *voltarmos a desenhar com os cotovelos* e da preparação de corpo que Jamile Cazumbá¹⁸ nos propôs para atravessarmos essa passagem. Eu, que sempre vivi no desejo de criar um novo corpo, percebo cada vez mais o quanto é necessário

superarmos alguns limites da compreensão para darmos conta de tudo aquilo que não conseguimos dizer. Nesse exercício surgem formas de expressão que fogem do que somos ensinados a dizer. Talvez, essa seja uma das práticas de liberdade que você fala. Na perspectiva da criação, essas ideias se desenvolvem muito a partir do movimento de virar o corpo do avesso, que é um modo de preparação para torná-lo sensível à experiência a ponto de deixá-lo aprender a língua da matéria. Acordar o corpo permite que as composições aconteçam...

Línguas e linguagens, saídas e saúdes

Se considerarmos que a experiência estética não é uma mera ilustração das formas ético-políticas, mas sim a inscrição real (e material) dos diferentes modos de existência que nos tocam, poderemos dizer que a sua expressão é aquela que reivindica (ou toma posse) do próprio direito à subjetividade. Nesse sentido, não seria possível pensarmos no direito à subjetividade sem passarmos por uma dimensão emancipadora de sua experimentação. A reivindicação desse direito através da sua expressão se dá, antes de tudo, através do contato com o próprio direito ao saber-sentir. Território onde o corpo (singular/coletivo) pode recobrar seus acessos, durações, intensidades, afectos e permanências. Aqui, direito e a estética constroem um paralelo diante da vida. Libertar as formas de saber e sentir são um exercício cotidiano de libertar o corpo. Desaprender gestos codificados, hidratar musculaturas adormecidas, voltar a desenhar com os cotovelos... olhar para as formas (materiais e intangíveis, humanas e não-humanas, significantes ou a-significas) como quem se interroga por um território político socialmente ainda não reconhecível. O direito a forma é o próprio direito ao saber-sentir.

A semiótica transhistórica da violência alimentada pela economia dos corpos e afectos é a mesma que pensará aquelas que diferem de sua narrativa como a própria antítese do mundo e da humanidade. Alimentada pelo desejo reprimido e fóbico, ela se vale de um conjunto de gestos que podem ser desaprendidos. Assim, interrogar em nossas intimidades cada traço, cada linha, não temer as manchas, o erro, a abstração não é só estabelecer uma posição estética contra-hegemônica, mas advogar através da expressão a favor de formas inauditas, pensando junto a elas maneiras mais possíveis. Uma última pergunta talvez seja necessária: Como a linguagem pode ser um operador que desestabiliza a repetição dos sistemas de violência quando passa a responder à intensidade das coisas e não mais à representação do mundo? “Como o desejo, a língua rebenta, se recusa a estar contida dentro de fronteiras. Falam por si mesmas (...) violam os espaços mais privados do corpo”¹⁹. É a chama que bell hooks nos lança quando insiste na ação radical da língua ao reencontrar no corpo suas potências vitais. O efeito desse encontro é o aparecimento de uma linguagem que se dá num espaço de aprendizagem (um território existencial) que requer uma escuta de corpo inteiro (de corpo

presente). É na linguagem que a expressão de um mundo se esboça. Quando nos debruçamos sobre ela articulamos possibilidades de composição que são capazes de redesenhar o real. Permitir que nossas línguas encontrem abrigo na esfera das linguagens é também uma das estratégias que contornam o projeto de morte programado para nossas cognições. Através da linguagem (e operando linguagens) semeamos, cada qual a sua maneira, um modo de pensamento político muitas vezes pouco reconhecível. É na linguagem que se pode reivindicar o direito às formas e o próprio direito ao saber-sentir. A voz que fala de dentro da vertigem, da despossessão absoluta, do lugar onde a violência infligida é o meio pelo qual o corpo se define, é a mesma que é fonte de insurgência fora do espaço sistêmico.



Fig 4. George Teles, Tecer rede de amparo 1, 2 e 4, impressão s/ papel (monotipia), 2019

Fonte: Cortesia do artista, 2021

Acordos e acordes

Na farmácia de Fanon²⁰ proposta por Achille Mbembe encontraremos uma linha de força que nos ajuda a dizer sobre sentido de saúde aqui desejado. O exercício clínico de Fanon (e não menos político e intelectual ao mesmo tempo) nos ajuda a mapear os efeitos decorrentes do tornar-se o Outro social no mundo. “Esta formação do sujeito no desejo de subordinação é uma das modalidades específicas, interiorizadas, de dominação”²¹. Essa redução imediata e inaugural ao sujeito-coisa (racial, dissidente, periférico, regional...) é a própria instalação da posição do Outro, corpo de desejo e repulsa. Ainda que essa complexa tessitura proposta por Fanon-Mbembe exija um largo debate, o que ela evoca é o processo pelo qual o corpo subalternizado volta contra si seja pelas vias do sofrimento e da insurreição (ambos limites multimodais e múltiplos). *Ser o outro é sentir-se sempre instável*. A tragédia do Outro que tem origem nessa mesma instabilidade que retomamos para expor as vias possíveis de saúde a serem experimentadas são as mesmas que prescindem a criação de formas (materiais, visuais, éti-

cas, políticas) até então não inscritas (ou socialmente não disponíveis) no mundo. Como enunciar-se na linguagem e na expressão de um território modulado pelo circuito de expectativas *a priori*, que muitas vezes nos exige performar a própria violência programada por ele? Ou melhor, quais negociações são possíveis entre o terror, a fobia, o abuso e a violência operada pela semiótica da linguagem?

Fanon recorre a uma série de termos: a libertação, a descolonização, a desordem absoluta, mudar a ordem do mundo, a aparição, a saída da grande noite, a vinda ao mundo. A luta não é espontânea. [...] Ela é fruto de uma 'decisão radical' e tem um ritmo próprio. [...] A luta está na origem de novas linguagens. [...] O mundo perde o seu caráter maldito, e estão reunidas as condições para o inevitável confronto. [...] Essa luta é um trabalho coletivo e organizado. Pretende claramente reverter a história. O paciente fanoniano tenta regressar à origem do futuro.²²

A saúde que nos alerta Fanon é aquela que surge como força da recusa. Uma saúde que se forja na temporalidade fragmentada onde o corpo fundido pela hecatombe sustenta sua potência de insurgência a submissão e sobretudo a uma representação que não seja elaborada para (e por) si desde o mundo. Esse exercício, em nosso caso, tem sido muscularmente elaborado a partir dos seguintes acordos: 1. Ao acolher o medo da liberdade, desindividualizando todo tipo de sofrimento decorrente desse medo; 2. No permitir ao corpo não temer as formas estéticas não reconhecíveis por ele fazendo assim a diferença um princípio de vitalidade e de não repetição dos sistemas de morte; 3. No recobrar e atribuir valor estético a experiências fundadoras que nem sempre estão inscritas nos regimes instituídos de verdade; 4. Na criação de comunidades estéticas em que as forças da opressão não perseveraram; 5. No interrogar de ontologias e epistemes a favor da libertação do corpo que sabe e sente; 6. No romper e operar uma crítica sobre a representação mesmo que seja para regressar a ela por outras vias; 7. Ao não perder de vista que a linguagem é o acesso ao redesenho material do real. Assim, ela é uma oferta e uma potência emancipadora, mas sobretudo resultado de um compromisso íntimo, e nada simples, com a coragem do próprio trabalho.

- 1 Atualmente integram o programa os artistas Allan da Silva, Ari Frost, George Teles, Jamile Cazumbá, Julia Imbroisi, Kaick Rodrigues, Larissa Neres, Marcos da Matta e Michele Nascimento com coordenação de Tarcisio Almeida (www.praticasdesobedientes.com)
- 2 Dénetêm Touam, *Cosmopoéticas do Refúgio*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2020, p. 85 - 86.
- 3 Allan da Silva é artista e pesquisador integrante das formações 2019 e 2020 do programa de Práticas Desobedientes.
- 4 Referência ao dia 11 de março de 2020 quando a Organização Mundial da Saúde declarou o estado de pandemia causada pelo novo coronavírus (Sars-COV-2), causador da doença Covid-19, bem como a todos os efeitos sócio-políticos estruturais experienciados pelo Brasil em mais de 1 ano de pandemia.
- 5 TANSI, Sony Labou apud BONA, Dénetêm Touam, *Cosmopoéticas do Refúgio*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2020, p. 10.
- 6 Dénetêm Touam, *Cosmopoéticas do Refúgio*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2020, p. 11.
- 7 Aqui háptico será utilizado para dizer sobre o sentido do tato em sua extensão sensível e perceptível. Uma experiência desencadeada diante da ação (viver e agir) no espaço.
- 8 PINHO, Osmundo. A universidade e os undercommons. *Revista Hemisférica*, 2014. Disponível em: <<https://hemisphericinstitute.org/pt/emisferica-11-1-decolonial-gesture/11-1-essays/the-university-and-the-undercommons.html>>. Acesso em: 05.01.2021
- 9 HARNEY, S.; MOTEN, F. *The undercommons: fugitive planning and Black Study*. Wivenhort; New York; Port Watson: Minor Compositions, 2013, p.97 - 98. Tradução minha.
- 10 Para pegar emprestado duas noções de Jacques Rancière presentes em: *A partilha do sensível: estética e política* (São Paulo: Editora 34, 2005) e *Dissensus: on politics and Aesthetics* (Publishing group: London, New York, 2010).
- 11 HARNEY, S.; MOTEN, F. *The undercommons: fugitive planning and Black Study*. Wivenhort; New York; Port Watson: Minor Compositions, 2013, p. 98. Tradução minha.
- 12 Op.cit p.19. Tradução minha.
- 13 TANSI, Sony Labou apud BONA, Dénetêm Touam, *Cosmopoéticas do Refúgio*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2020, p. 86.
- 14 DIDI-HUBERMAN, Georges. *Ser Crânio, lugar contato, pensamento, escultura*. Belo Horizonte: C/Arte, 2009, p. 63.
- 15 op. cit., p. 64.
- 16 op. cit., p. 66.
- 17 Essa entrevista pertence ao conjunto de transcrições realizadas com o artista George Teles durante a organização da publicação *Afetos da Travessia*. (TELES, George. *Afetos da Travessia*. Cachoeira: Andarilha Edições, 2021. No prelo)
- 18 Jamile Cazumbá é artista e pesquisadora integrante do programa Práticas Desobedientes desde 2019.
- 19 HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo Martins Fontes, 2013, p. 223.
- 20 Referência ao capítulo do livro *Políticas da inimidade de Achille Mbembe* (Ed. Antígona, 2017).
- 21 MBEMBE, Achille. *Políticas da inimidade*. Lisboa: Ed. Antígona, 2017, p.174-175.
- 22 Op.cit, p.187-188.

Referências

- BONA, Dénetèm Touam, **Cosmopoéticas do Refúgio**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2020.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Ser Crânio, lugar contato, pensamento, escultura**. Belo Horizonte: C/Arte, 2009.
- HARNEY, S.; MOTEN, F. **The undercommons: fugitive planning and Black Study**. Wivenhort; New York; Port Watson: Minor Compositions, 2013.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo Martins Fontes, 2013.
- MBEMBE, Achille. Políticas da inimizade. Lisboa: Ed. Antígona, 2017, p.174-175.
- PINHO, Osmundo. A universidade e os undercommons. **Revista Hemisférica**, 2014. Disponível em: <<https://hemisphericinstitute.org/pt/emisferica-11-1-decolonial-gesture/11-1-essays/the-university-and-the-undercommons.html>>. Acesso em: 05.01.2021
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- RANCIÈRE, Jacques. **Dissensus: on politics and Aesthetics**. Publishing group: London, New York, 2010.
- TELES, George. **Afetos da Travessia**. Cachoeira: Andarilha Edições, 2021.

Recebido: 15 de fevereiro de 2021.

Aprovado: 05 de março de 2021.